BOLETIM PERIÓDICO Nº 12. JULHO 1996

Gralha

Especial Alexandre Bóveda 60 Anos do seu Assassinato

Sampaio escuita a mensagem do Reintegracionismo

No dia 25 de Maio passado, no adro do Mosteiro de Sam Domingos de Bonaval, em Compostela, várias dezenas de militantes reintegracionsistas fizérom ouvir a sua mensagem de libertaçom sociolinguística ao Presidente da República Portuguesa, Jorge Sampaio, e ao do Governo Galego, Manuel Fraga Iribarne, enquanto estes deixavam o Museu do Povo Galego para se dirigirem ao de Arte Contemporânea. Os lemas dos manifestantes em favor da sequestrada unidade da língua galego-portuguesa e em contra da perseguiçom na Galiza dos que a defendem *--Na Galiza e Portugal falamos igual! Galego e Português a mesma língua é! Fraga, fascista, nom persigas os lusistas!--* suscitárom do dignitário português um gesto de interesse, e incomodárom visivelmente Fraga. Num país como o nosso, em que o ideário nacionalista em geral, e o reintegracionista em particular, defrontam tantas dificuldades -leia-se censura e suborno dos meios de comunicaçom por parte da direita espanholista- para atingirem umha divulgaçom objectiva e normal, a manifestaçom dos reintegracionistas em Bonaval -embora fugaz e brusca- pode considerar-se um sucesso, porquanto eles recebêrom a atençom massiva das rádios, televisões e imprensa do país vizinho e se dêrom a conhecer à mais alta autoridade portuguesa, quem se comprometeu a receber em audiência em Lisboa umha representaçom da Associaçom Galega da Língua (Agal).

notícias

INSUBMISSO NO CÁRCERE
Nos últimos tempos o movimento da insubmissom nom deixa de gerar notícias, ora mobilizações ora detenções. No passado dia 15 de Julho ingressou na cadeia de Vigo o insubmisso ao exército espanhol Manuel Caride, que foi acompanhado em todo o momento por várias dezenas de amigos até a prisom. Com este soma-se mais um preso de consciência galego, militante de Galiza Nova, que foi represaliado por opor-se às estruturas militares espanholas.

ENCONTRO CULTURAL
Celebrou-se os dias 12,13 e 14 de Julho um encontro cultural em Burela organizado pola Associaçom Galega da Língua, baixo o lema: "A língua: o maior tesouro colectivo". Com estas três jornadas na Marinha os coordenadores pretendêrom que todos os assistentes colheram folgos despois de todo um ano de trabalho cultural e associativo, conhecendo o país, informando-se e desfrutando de diversas actividades lúdicas. Actuações musicais, feira exposiçom de livros, discos, e diversos produtos culturais. Os actos mais teóricos fôrom duas conferências umha impartida polo Prof. José Martinho Montero Santalha, que expujo o seu parecer sobre o acontecido nos 30 anos transcorridos desde a fundaçom do grupo de Roma até a actualidade. Na sessom da tarde intevírom representantes da Associaçom Nacional de Estudantes de Letras e do Grupo Meendinho, aportando a sua experiência e as suas valorizações sobre a organizaçom do reintegracionismo.

ASSEMBLEIA DA A.M.I.
Despois de longo tempo de preparaçom e coordenaçom, os moços e moças da Assembleia da Mocidade Independentista celebrárom a sua assembleia constituinte. Foi a vila marinheira de Bueu a escolhida para esta celebraçom, com a assistência de meio centenar de delegados e umha organizaçom à altura dos mais grandes eventos, nasceu oficialmente a A.M.I. Fôrom fixados os princípios organizativos do nascente grupo. Todos os assistentes concordárom na necessidade de evitar cair nos erros do passado que tenhem impedido o medre e evoluçom do independentismo. Em todo o momento estivo presente a vontade de que todas as propostas fossem assumidas por toda a militância. A independência será a bandeira da nova assembleia. Destaca entre as suas próximas actividades a realizaçom dumha campanha sob o lema de "Espanha, na Galiza sobras".

NOVO BOLETIM
Em Maio saiu o primeiro número de um novo boletim de nome «Língua Nacional» editado polo recém-constituído M.D.L. A ideia partiu da Associaçom da Língua Artábria. Os redactores reconhecem-se inspirados noutras iniciativas similares, como a nossa própria Gralha. *Língua Nacional* tentará reforçar a oferta informativa sobre a existência de conflitos linguísticos no mundo e na Galiza, dedicando um lugar de destaque a umha análise sobre o Reintegracionismo como movimento normalizador e oferecendo também venda de material e contacto com o M.D.L.

notícias

STOP CAMPOS DE GOLFE
No ano 1990 começou a gestar-se um projecto de Campo de Golfe chamado Golfe-Domaio construído no Concelho de Moanha. Vários colectivos ecologistas, culturais, etc., de Domaio decidírom formar a Coordenadora Anti-Golfe-Domaio para manter informada a vizinhança e defender o monte destas agressões.
Lográrom com isto que o número de accionistas diminuíra até chegar a cair em quebra com dívidas de 800 milhões, que fracassassem os planos da Junta da Galiza e que o 13 de Março a câmara municipal de Moanha votasse em contra da aprovaçom do projecto de urbanizaçom paralelo ao do campo de golfe.
Há agora um juízo contra a aldeia de Domaio por duas mobilizações de mais de 2.009 pessoas em Abril do 92, com a invasom do campo de golfe e umha paralisaçom do trânsito. Para o ajuizamento fôrom seleccionadas 13 pessoas, para as que se pedem numerosas penas de cárcere, além de mais de 7 milhões de pesetas de indemnizaçom.

BLOQUE OU BLOCO?
As Irmandades da Fala da Galiza e Portugal dirigírom-se ao porta-voz do BNG no Parlamento para lhe solicitarem que galeguizem o próprio nome do partido, Bloque Nacionalista Galego, para a sua forma correcta na língua galego-portuguesa, Bloco Nacionalista Galego.

CAMÕES EM NIGRÁM
Durante os dias 8 e 9 de Junho do presente ano tivo lugar em Nigrám umha Homenagem a Camões com sessões de manhã e de tarde nas que participárom gentes vindas de toda a Galiza e Portugal, entre as quais o alcaide de Nigrám e a Presidente da AGAL. Visitou-se também a casa e a zona dos antepassados de Camões.

ALTA VELOCIDADE
Mais umha vez o Governo Português defende, por meio do seu Ministro de Transportes, João Cravinho, os interesses da Galiza, propondo na reuniom mantida com os seus homólogos europeus a construçom de um caminho de ferro de alta velocidade que une Lisboa com Corunha e Sevilha. Outros projectos que umem pontos do centro e do leste da Península serám executados com maior brevidade.
As declarações dos Ministros de Transportes da França, Gram-Bretanha e Alemanha fôrom tais como: «é outra proposta a estudar», «creio que seria um investimento ruinoso», «parece umha procura dificilmente justificável se se compara com as urgências existentes em regiões mais povoadas e dinâmicas».

PORTUGUÊS NA ARGENTINA
Carlos Ménem, Presidente da República Argentina, tenta estabelecer o ensino do português por ser fundamental na integraçom regional. No Mercado Comum do Sul, integrado por Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai, som três vezes mais os lusófonos que os castelhano-falantes.

editorial

25 de Julho, mais um Dia Nacional da Galiza onde muitos galegos e galegas reclamarám o direito de autodeterminaçom para o nosso país. E este número da Gralha vai dedicado a Alexandre Bóveda, o irmão que luitou polos irrenunciáveis direitos de Galiza. No próximo 17 de Agosto cumprirám-se 60 anos do seu assassínio a mãos dos sublevados na Caeira (Ponte Vedra). Bóveda e outros dirigentes fôrom dos primeiros em ser fusilados, sabiam vem os fascistas quem era a verdadeira cabeça e motor do Partido Galeguista, quem organizava e quem coordenava os esforços dos nacionalistas no ano 1936. Com a sua morte aos 30 anos foi-nos arrincado um home dos considerados imprescindíveis. Temos a obriga de conhecer e espalhar o labor e figura de Bóveda.

Mas como nom vivemos só de lembranças, mas de realidades, no aspecto linguístico devemos saudar neste número 12 da Gralha, a confluência dos Grupos Reintegracionistas de Base no denominado Movimento Defesa da Língua (MDL), cuja Assembleia fundacional se celebrou em Compostela no passado dia 25 de maio. Com ilusom esperamos que esta uniom dos grupos frutificará no futuro próximo num trabalho comum em prol da plena recuperaçom idiomática da nossa querida terra.

Cremos a pés juntos no futuro da Galiza e por isso trabalhamos e trabalharemos sem descanso e animamos-vos a todos e a todas a fazerdes o próprio. Sem dúvida um dia nós ou os nossos filhos viverám numha terra libertada. Outros conseguirom-no porque acreditárom no futuro, que eles mesmos forjárom. Porquê havíamos de ser nós menos? Neste Dia Nacional

VIVA GALIZA LIVRE

"O Crisanto" e "Célia" (grávida de oito meses) Guerrilheiros antifascistas fusilados. Em iguais circunstâncias foi morto Alexandre Bóveda.

galiza Submissa?

Falar da Galiza como terra submissa ao fascismo representa de parte de alguns historiadores espanhóis um absoluto desconhecimento, quando nom falsificaçom, da realidade dos factos acontecidos de Julho de 1936 em adiante. Mas para explicarmos o acontecido devemos fazer antes umha breve síntese histórica dos anos anteriores ao início da guerra.

As eleições estatais de Novembro de 1933 (a República fora proclamada em Abril de 1931) som ganhas polas direitas espanholas com o lema «Nós representamos a Deus e a Espanha». A CEDA e o Partido Radical de Lerroux coligam-se no Governo do Estado. O Partido Galeguista (PG), que fora fundado dous anos antes, em 06/12/31, atinge 106000 votos, nom sendo suficientes para levar algum deputado ao Parlamento de Madrid. O novo governo reinstaura a pena de morte, substitui Presidentes de Câmaras Municipais, como a de Vigo, e enceta um período repressivo. Castelão e Bóveda, líderes do PG e funcionários do Estado, som desterrados (oficialmente «transladados») a Badajoz e Cádis respectivamente, por represálias políticas. Durante este período que vai até Fevereiro de 36 conhecido como Biénio Negro, o Anteprojecto do Estatuto de Autonomia fica estacionado aguardando melhores tempos para a realizaçom do plebiscito. Durante o ano 35, no seio do PG (interclassista e aconfissional), começa-se a falar de possíveis alianças com os republicanos avançados, sempre que estes apoiassem a autonomia da Galiza, e consequentemente facilitassem o êxito do Estatuto. Em 25/05/35 alguns militantes da ala direita movidos por preocupações religiosas e liderados por Filgueira Valverde, provocam umha cissom no partido criando Direita Galeguista (lembremos onde terminou Filgueira: alcaide franquista da Ponte Vedra nos anos 60 e Conselheiro de Fraga responsável polo famoso decreto deturpador do galego). Porém outros ferventes católicos como Outeiro Pedraio seguirám fieis ao partido. Em 5/1/36 o Parlamento espanhol é dissolto e convocadas eleições. Uns dias depois a Assembleia Extraordinária do PG decide concorrer nas listas da Frente Popular (FP), coligaçom de partidos de esquerda. Em 16/2/96 na Galiza ganha a FP, sendo eleitos deputados Castelão pola Ponte Vedra com 103436 votos e Soares Picalho e Vilar Ponte pola Corunha com 153145 e 145009 votos respectivamente, todos eles do PG. Em Ourense, onde se candidatara Bóveda, e perante o amanho das eleições polos caciques, liderados por Calvo Sotelo, estas som impugnadas. De 13 membros da Junta do Censo (Comité Eleitoral) 7 admitem a existência da fraude. Em Madrid a Comissom de Actas do Parlamento anula as eleições em Ourense, para mais tarde cantar a palinódia e retractar-se proclamando a Calvo Sotelo deputado. Polos vistos nom interessava à República Espanhola que um dos inimigos mais acirrados do regime saísse à rua dizendo que fora objecto de perseguiçom sanhuda, polo que lhe regalam a Acta de Deputado a Calvo Sotelo. O grandíssimo amanho foi o túmulo para Bóveda, pois de ter estado de deputado em Madrid em Julho de 36 salvaria a vida como Castelão e Soares Picalho. Em 3/3/36 morre na Corunha Vilar Ponte. Aos poucos dias o PG põe em marcha a mecánica para a celebraçom do plebiscito do Estatuto, que terá lugar em 28 de Junho sendo largamente ganho. No 14 de Julho Gomes Românn, Secretário Geral do PG, e Castelão, deputado, entregam ao Presidente do Parlamento Estatal o texto do Estatuto aprovado. Uns dias depois estalaria a guerra.

A guerra na Galiza começa no 20 de Julho. Nos dous dias anteriores, e perante o levantamento fascista do exército espanhol nas suas colónias do N. de África, militantes da Frente Popular, coligaçom governante, galeguistas, camponeses, marinheiros e operários, acodem às principais capitais do país para defenderem o Governo. As autoridades, dubitativas, dizem ter controlada a situaçom e negam-se a facilitar armas aos populares. No seio do exército existe divisom, embora 70% dos oficiais apoiem a sublevaçom. Em poucos dias os militares facciosos, apoiados pola Guarda Civil e o Clero, fam-se com o controlo da situaçom, começando umha repressom selvagem, desatada e indiscriminada. Som fuzilados Governadores Civis, alcaides, militares leais à República, concelheiros, membros de partidos, sindicalistas, etc. Têm lugar juízos militares contra civis. Centos de pessoas vêm-se obrigadas a fugirem às montanhas. Estes fugidos organizarám a guerrilha antifranquista que durará 20 anos. Num país como o nosso, sem grandes urbes, com umha elevada dispersom da populaçom, sem quase indústria e com mui pouco proletariado, foi doado para o poder militar espanhol controlar a situaçom.

A brutal repressom exercida polo fascismo no período 36-39 nom só levou ao assassínio da vanguarda revolucionária, senom que atingiu a nacionalistas, mestres progressistas, intelectuais democratas, e a todo aquele que se tivesse significado polo seu apoio à campanha da Frente Popular. Repetírom-se os «passeios», com as valetas semeadas de cadáveres. A matança do mais lúcido do país, o extermínio da intelectualidade dirigente, provocou umha ruptura geracional. A efervescência política do galeguismo dos anos 30 ficou fanada com o corte histórico fascista. Fôrom tempos de horror e obscurantismo. Assassinárom Bóveda, o home que demonstrou com números que Galiza dava muito mais do que recebia do Estado, que o nosso país era perfeitamente viável economicamente. O home sem cujo trabalho teria sido impossível a aprovaçom do Estatuto, o futuro líder do PG, organizador de avisadíssima inteligência. Bem sabiam quem matavam.

Centenas de pessoas vírom-se obrigadas a exilar-se, os mais deles a terras americanas.

Devemos salientar que muitos fôrom os galegos que luitárom em várias frentes fora da terra, merecendo especial destaque as denominadas Milícias Galegas em Madrid.

Galiza nom foi submissa ao fascismo. Resistiu quanto pudo. A repressom dos facciosos esmagou o nosso país, embora a guerrilha, apoiada no seio do povo, fique como testemunho histórico da sua heróica resistência.

Obras consultadas:

-"Vida, paixón e morte de Alexandre Bóveda". Gerardo Álvares. Edicións Nós. Buenos Aires. 1972.

-"Hombres que hicieron Galicia. Alexandre Bóveda". J.M. Álvares. Bco. do Noroeste. 1992.

-"Castelao e Bóveda, Irmáns". A Nossa Terra, extra 5-6.1977

-"O 36 na Galiza". A Nossa Terra, A Nosa História 1, 1987.

alexandre bóveda

Últimas palavras que Bóveda proferiu, em castelhano por obrigaçom, no juízo em que foi condenado à morte. Foi assassinado o 17 de Agosto de 1936.

«Minha Pátria natural é Galiza. Amo-a fervorosamente. Jamais a atraiçoaria, ainda que me concedessem séculos para viver. Adoro-a até mais além da minha morte. Se entende o Tribunal que por este amor entranhável deve ser-me aplicada a pena de morte, recebereina como um sacrifício mais por ela. Fizem quanto pudem por Galiza e faria mais se pudesse. Se nom podo, até gostaria de morrer pola minha Pátria. Baixo a sua bandeira desejo ser enterrado, se o Tribunal, em consciência, julga que devo sê-lo. E este «agarimo» --permita-se-me a única palavra galega que aqui emprego no idioma que falei sempre-- que lhe tenho à Terra Sagrada em que tivem a felicidade de nascer, nom me obriga a sentir nengum ódio à Espanha, à que, por direito, pertenço. Somente combatim os seus erros, e, às vezes, as suas crueldades políticas para com a minha Galiza idolatrada. Mais nada».

Galha 1936-1996. A 60 Anos da Guerra Nº 12. Julho 1996

bóveda político

Enquanto outros galeguistas, como Castelão e Outeiro Pedraio, fôrom elaborando durante as suas vidas umha obra artística e literária, Alexandre Bóveda centrou-se na obra política, dedicando-se plenamente ao nacionalismo. A sua mais grande obra foi, sem dúvida, o próprio Partido Galeguista. Como dizia Castelão, Bóveda foi o «motor de explosom» do Partido.

Em volta do ano 1930, Vicente Risco e Valentim Paz Andrade ocupavam-se com a parte doutrinal de um projecto de estatuto para Galiza; Bóveda devia redigir o apartado da Fazenda Regional, que foi publicado polo Seminário de Estudos Galegos depois de lho ter apresentado Bóveda para ingressar no Seminário.

Foi Alexandre Bóveda o que incitou Castelão a se apresentar nas eleições para as Cortes Constituintes e, apesar da negativa do rianjeiro, ele acabou por encabeçar a lista de Ponte Vedra. Este feito seria a semente do Partido Galeguista, que nasceria antes da sua própria constituiçom. Esta tivo lugar no 6 de Dezembro de 1931, elegendo-se o Conselho Directivo, em que Alexandre Bóveda foi designado Secretário de Organizaçom, junto com outros três secretários mais, que fôrom substituídos em subsequentes assembleias anuais, enquanto Bóveda permaneceu no cargo, excepto no ano 1932, em que foi eleito Secretário Geral. No ano 1931 o Partido Galeguista contava com 15 grupos e 600 membros, mas com a participaçom de Bóveda chegárom a ser 300 grupos, aos que este dava contínuos aços, fazendo visitas pessoais e enviando constantes circulares. Dizia: «Nom é cousa de umha geraçom cumprir esse mandato da Galiza».

Bóveda atendeu as diversas actividades do Partido estruturando-o e criando a sua caixa. A sua influência em todos os membros fizo-se notar no mesmo Castelão, que, para defender no Congresso umha proposiçom de lei, referiu o seu discurso ao próprio Bóveda.

Na segunda assembleia do Partido Galeguista, Bóveda propugnou, em contra do capítulo redigido por Filgueira Valverde, que «a aspiraçom dos grupos organizados deve ser, fundamentalmente, a adesom ao serviço das massas de marinheiros e lavregos, que constituem a maioria da Galiza», enquanto Filgueira afirmava: «O nòsso movimento é realmente um movimento de elite... Você nom me poderá negar o valor excepcional que tem de ter o voto de um Castelão, ou de um Cabanilhas, face ao voto de umha massa». Foi o carácter unificador de Bóveda o que conseguiu nos momentos mais difíceis manter o conjunto dos galegos unidos além das suas crenças. Situado entre a corrente progressista ao lado de Castelão, mas nom unido à esquerda mais radical, descartou sempre o separatismo e coincidiu com a táctica do Partido Galeguista.

Em Novembro de 1934 tentou-se debilitar os dous pontais do Partido Galeguista para lhe tirar funcionalidade com o desterro de Castelão e Bóveda para Badajoz e Cádis. Contudo, eles seguem a inspirar a trajectória do Partido mediante o contacto directo com os seus dirigentes e na quarta assembleia do Partido Galeguista, Bóveda e Castelão voltam a resultar eleitos como Secretário de Organizaçom e como Secretário Político, respectivamente.

Umha célebre frase com referências anatómicas epitoma bem o significado e mútua complementariedade destes dous pessoeiros nas fileiras galeguistas: «Castelão significava o coraçom emocionado, Bóveda era a cabeça organizadora e o braço actuante».

19 de Julho de 1936. Apoios populares à República

Causas da guerra

MILITARISMO

A bravura dos militares espanhóis era o medo que metia medo.

O quartel era um convento onde se jurava, se blasfemava, se conspirava contra o Governo, se pegavam labazadas, de depelicavam patacas e se tocava a corneta. Ali os chefes o oficiais escolhiam assistentes.

Os militares usavam bigode e padeciam de catarro crónico. Adubavam-se com penas, charóis, ferros e botões dourados, para namorarem mulheres. Gostavam mais das processões que das batalhas. Perdiam as guerras -isso é verdade-; pero perdia-nas *gloriosamente*. Eram cavaleiros no Casino e arrieiros no fogar. Chegavam a generais pola rigoroso turno de antiguidade. Morriam de prostatite crónica (nos militares hespanhóis tudo era crónico).

Os militaristas amavam a «intagível unidade da pátria». Criam que Isabel *a Católica* descobrira as Américas. Tinham umha espinha cravada no coraçom: Gibraltar. Arruinavam-se comprando «marcos» e seguiam sendo germanófilos.

Por algo fôrom vencidos polo povo.

CLERICALISMO

O catolicismo hespanhol era umha flor de trapo.

A Igreja hespanhola, como força, era a menopausa defendida polo histerismo; como ideal era a miopia sem anteolhos; como categoria era umha popa de velha beata enfundada nuns calções de baeta.

Os clérigos eram prófugos do sacho, desertores da agricultura. Quando sabiam latim nom passavam de capeláos. Agachavam os Evangelhos, bulravam-se das Encíclicas e botaram das Igrejas o povo trabalhador. Punham casulas em forma de guitarra, metendo a cabeça polo buraco. Cantavam «flamenco» em vez de «gregoriano». Viviam a costa do purgatório e morriam de indigestom ou de aploplegia.

Os clericais punham na porta da casa umha efígie do Coraçom de Jesus estampada em folha-de-lata. Dentro do fogar viviam acochambados com os sete pecados capitais. Compravam indulgências e emprestavam dinheiro a 100%.

Por algo Deus deixou queimar igrejas.

SEMIFEUDALISMO

O capital hespanhol era umha cousa que servia para viver sem trabalhos e sem cavilações.

Os Bancos eram tendas de dinheiro, em comissom, para venderem pesos a sete pesetas. Emprestavam dinheiro aos industriais para arruiná-los, e nom consentiam que os pobres chegassem a ricos.

Os ricos viviam de cortarem cupões da Dívida pública. Herdaram mares de pam onde morriam de fame os camponeses. Casavam por «amor próprio» e tinham queridas por vaidade. Andavam em autos que iam a nengures. Aborreciam-se da vida. Iam a misa de doze, levavam velas rizadas nas procissões e vaziavam a folica dos pecados umha vez cada ano. Morriam dos desgostos que lhes davam os filhos.

Os reaccionários eram de diferentes tipos; administradores, que pouco a pouco iam ficando com os bens dos senhores; tendeiros e comerciantes, que, para saberem o que é o bem e o mal, consultavam o Código Penal; senhoritos bailarins, que andavam à caça de raparigas ricas; empregados, que sonhavam com o prémio gordo da lotaria nacional; etc., etc.

Por algo Hespanha nom era um país industrial.

CASTELAO. Sempre em Galiza

palestra pública

Pola Fundaçom Alexandre Bóveda

A Fundaçom Alexandre Bóveda constituiu-se para administrar o imenso património que nos legou Bóveda: o compromisso irrenunciável com a causa nacional galega. Nascemos para render justo tributo a quem deu, por Galiza, o seu mais prezado bem: a vida.

Abertos à participaçom plural de todos os que ideologicamente assumem o ideário galeguista, o nosso primeiro empenho foi lograr que o 17 de Agosto os Galegos acudíssemos unidos ao pé do jazigo onde repousa Alexandre Bóveda no cemitério de Santo Amaro, primeiro, e depois arredor do monumento que erguémos no L aniversário da sua morte violenta, na praça de Curros Henriques, numha jornada de afirmaçom nacionalista que lembra com justiça o legado que nos deixárom os mártires da nossa causa, numha data que já temos institucionalizada como Dia da Galiza Mártir.

É com profunda decepçom que verificamos a nova e recente rejeiçom por parte do Parlamento Galego do pronunciamento que lhe solicitámos no sentido de rever o processamento judicial que condenou tam injustamente a Alexandre Bóveda. Mas com ilusom encaramos agora um novo projecto que, nom o duvidamos, há suscitar a adesom unânime dos galegos de naçom: a construçom, por subscriçom popular, de um monolito no monte da Caeira (Poio) recordando o fusilamento de Alexandre Bóveda, para o que já temos recadado um milhom de pesetas. Como som necessários dous milhões, para completar esta empresa cívica solicitamos o contributo económico de todos, que antecipadamente agradecemos. Conta de Caixa Galiza nº 2091 0500 10 3040042433.

janela da língua

Por Konstantiño Graphia

HO PELOURON DE HOURO

Na konzesión do Pelouron de Houro, ke pró hano prósimo deberia korresponderlle há ASPG, ke por fin nabeja baixo pabillon de komenencia, ho himinente zentífiko Santamarina Merkante, facendo hesivizión dunha kara ke xa kixera pra si ho hesministro ioseBarionuebo, presentouse hen plan Jalizia mártir, koma si ho ILG fose hun koletibo marxinal de okupas, hinsumisos hou jays, he homitiu toda menzión ha hun serbidor ke hé o pai do henjedello.

Hestou ke fumo hen pipa. Hinbentaslles hunha jrafia, poslles hun piso no zentro da kapital, harrekadaslles subenzions, volsas, leitorados hen hunibersidades hestranxeiras, hasejuraslles ha bidiña ko monopolio da tabakaleira linjuistika, montaslles ho chirinjito, he mira ho pajo ke lebas. Ho ke nom bibe de hensinar ha miña jrafia, bibe de korrektor hou traduktor he ken non ten ho seu cholliño he porke non kixo. ¡Kria Korbos e teras hun ILG!

Koma hajora os korbos ban de eroiko Mobimento de Resistenzia, ho Patriarka das Letras Jalejas sumouse hó hakto koma prejoeiro pra darlles ha vendizión papal he reklamar ha supresión do CIL Moncho Pinillos he ha hesklusiba sukzión de pirajua pró ILG.

Heiki koma te deskoides rouvanche ho vote das propinas. Ho ke dicia ho prove Mamon Lourenzo, ke foi hun pioneiro, ke defendeu todala vida ko jalejo hera pra kasa, prá korte he prá taberna, he ke pra handar polo mundo xa tiñamos ho hespañol, resulta ke hajora se chama modelo Fishman he mola kantiduvi.

Halomenos ha sua Santidade, estendeu, mañánima, ho zertificado nazional popular de Jalizia Kalidade há miña jrafia, hainda ke sin zitarme, he rekonozeu ke hé sufiziente he hazeitable. Somentes lhe faltou henjadir ke hé patriotika ha ke hasemade revaixa ho nibel de kolesterol he lebanta ha jaita.

100.000.000 de pesetas para a língua?

Cem milhões de pesetas para a promoçom da língua som as ajudas que a Direçom Geral de Política Linguística concedeu a associações sem ánimo de lucro para a realizaçom de actividades de promoçom da língua galega no passado mês de Junho. Extractamos a continuaçom as quantidades maiores e as associações às que lhe fôrom outorgadas. Também citamos algum outro organismo que presumivelmente nom fará muito para a promoçom da nossa língua.

Asoc. Rianxeira de Empresários 347.000
CC.OO. (vários subsídios) 4.261.525
Unidade Provincial de Paraplégicos .1.220.000
A.S.P.G. 1.125.000
Asoc. Empresários Fab. de Pan 168.000
"Xuventudes Socialistas" 523.500
C.I.T. do Barbança 1.513.600
Centro Língua e Empresa 74.665.920
Asoc. de Usuarios de "Casillas" 429.000
"Manos Unidas" 735.520
Fundación Galicia Empresa 3.920.000
Fundación Alfredo Brañas 2.632.000
Fundación Fogar Sta. Margarida ..1.681.044
Fundación Intermon 1.084.800
Conf. de Empresarios de Hosteleria 1.824.000
Assoc. Prov. Empresários Hosteleria 517.360
Fed. Empresários do Barbanza 2.033.520
Asoc. de Empresários e Prof. Aut. 1.354.000
Boiromostra 1.291.200
Federación Libreiros de Galicia ...1.624.000
Conf. de Empresários de Galicia ..2.172.533
Federación de Empresáriso Hosteleria 823.600
Conf. de Empresários de Lugo 850.000
Federación Galega de Comercio ..1.440.000
Asoc. Empresários Costa da Morte 1.260.000
Union Hosteleira Galega 791.398
Asoc. Empresários Artes Graficas ..835.200
Asoc. Prov. Empresarios Construcc. 1.500.000
Asoc. Empresarial de Taxis 1.053.584
Fundación Fogar Sta. Margarida ..812.571

Total aprox. da partida orçamentária ....97.000.000 pts.
Total para Associações empresariais ....36.144.523 pts.
Total para organizações nacionalistas que usam o castrapo ....3.700.000 pts.

Contrasta os orçamentos e valoriza. Qual pode ser o teu papel? Todas as Gralhas de um ano fam-se com menos de qualquer destes milionários orçamentos.

Todo este dinheiro onde irá parar? Podes-te imaginar o que seria a Gralha com algo mais de poder económico? Dar cabida a novas ideias, novas secções e novas ilusões, também depende de tí. Seguro que estas ofendido pola partidista distribuiçom dos dinheiros públicos. Os que um dia planificamos esta Gralha éramos conscientes dos novos retos comunicativos que este país necessita, novas ideias e focagens da realidade. Tanto nós quanto a maioria dos nossos leitores nom ultrapassamos os 30 anos. E todos podemos fazê-lo melhor, bastante melhor, aperfeiçoando a fase que durante estes dous anos nos levou a assentar um projecto comunicativo de distribuiçom gratuíta.

O teu apoio e solidariedade tem de transcender. Um meio para fortalecer a Gralha é unir-te ao grupo de **sócios colaboradores**, ou bem ser o **distribuidor** da Gralha na tua zona. Só assim poderemos medrar e dotar-nos de umha mínima infraestrutura, necessária para que todos os que trabalhamos altruísta e voluntariamente para este país, demos mais de nós próprios.

Com qualquer um destes subsídios a Gralha surpreenderia-nos positivamente a todos.

sócio colaborador

Desejo contribuir economicamente com o Boletim Gralha achegando umha quota anual de:

❑3.000 pts ❑5.000 pts ❑________ pts

Nome e Apelidos ________________________________

Endereço ____________________ Telf. ____________

Localidade ____________________ Cód. Postal ______

Banco ou Caixa ________________________________

Sucursal ____________________ Localidade ________

Nº de Conta ____________________________

Data ____________ Assinado

em rede

Ninguém nos vai fazer calar, ainda que nos falte o dinheiro, ainda que nos desbordem o trabalho e as ideias por fazer. Nós pomos o esforço diário, nós pomos os meios, e a coordenaçom. E tu que pons? Incrementa a luita cultural na tua zona. Combate os brotos de castrapismo. Como?, tu escolhes.

CONTACTOS

Se estás interessado em conhecer gente com a que compartilhar ideias e projectos culturais fai-no-lo saber e poremos-te em contacto com outros interessados da tua zona.

TU SÓ

Fai parte da rede de distribuiçom que agora encetamos. Dispomos de material a distribuir que che ofereceremos a preço de custo. Normaliza a tua zona.

PACOTE DE 100 AUTOCOLANTES "NH" + 10 CARTAZES...............1000pts.
PACOTE DE 100 AUTOCOLANTES "EM GALEGO" ....600pts.

Envia o importe em selos de 12 ou 9 pts.

encomenda de material

Apartado 678. 32080 Ourense. Galiza

Nome e Apelidos ________________________________

Endereço ____________________ Tel ________

Localidade ____________________ Cód. Postal ______

	Nº	Importe
SWETER. Com capuz e bolso dianteiro. Gris. Talha XL Isto num país livre nom aconteceria...................2200pts.		
HISTÓRIA DA GALIZA Em Banda Desenhada....................500pts.		
BANDEIRAS. Estrela cosida. 1 x 0,80 m...........................1500pts.		
CAMISOLA CASTELAO. Reediçom. Gris, algodom, L,XL.....1200pts.		
CAMISOLA ROSALIA. Reediçom. Gris, algodom, L,XL.......1200pts.		
CAMISOLA CARVALHO CALERO. Gris, L,XL..................1200pts.		
CAMISOLA BÓVEDA-CASTELAO. Negra, M,L,XL............1500pts.		
LIVROS:		
DA FALA E DA ESCRITA. *Carvalho Calero.* 1983..............1000pts.		
MÉTODO PRÁTICO DE LÍNGUA G-P. *Martinho* 1983........1000pts.		
DICIONÁRIO Sinónimos. Porto Ed. 1125 pag....................5500pts.		
DICIONÁRIO Esp-Port / Port-Esp. Ed Hymsa, 1016pág.....2000pts.		
WINDOWS 95 EM GALEGO-PORTUGUÊS...........................19000pts.		
Prontuário Ortográfico Galego. 1985. 315 páginas.............2100pts.		
Estudo Crítico das Normas do I.L.G.-R.A.G. 2ªed1989.......2100pts.		
Guia Prático de Verbos Galegos Conjugados. 1988.............1200pts.		
O Sereno. Um guerrilheiro em ... *Moncho de Fidalgo*..........500pts.		
Seguindo o Caminho do vento. *Moncho de Fidalgo*.............700pts.		
Luzia, ou o canto das sereias. *Moncho de Fidalgo*...............700pts.		
Contos da Fada em do maior. *Moncho de Fidalgo*..................500pts.		
CONTOS DO OUTONO. ***Moncho de Fidalgo***...........................600pts.		
DISCOS COMPACTOS. ....preço unitário....2200pts.		
José Afonso. CANTIGAS DO MAIO. Grândola, Milho Verde.........		
José Afonso. TRAZ OUTRO AMIGO TAMBÉM. Maria Faia........		
José Afonso. FURA, FURA.		
José Afonso. CANTARES DO ANDARILHO..................................		
José Afonso. FADOS DE COIMBRA E OUTRAS CANÇÕES.		
José Afonso. CORO DOS TRIBUNAIS..		
José Afonso. VENHAM MAIS CINCO..		
José Afonso. ENQUANTO HÁ FORÇA		
Portes de correio +375pts. ou +800 por mensageiros		+375
As encomendas pagam-se contra reembolso, juntando cheque a nome de Meendinho, ou em selos. Incluindo os portes do correio.	Soma Total	

Com a tua compra fortaleces a independência do movimento reintegracionista contribuindo para o seu desenvolvimento à margem das pressons oficiais.

A gralha envia-se gratuitamente a quem o solicitar, pede-se no apartado: 678. 32080 Ourense

BOLETIM CULTURAL

Fevereiro
Maio
12 Julho
Outubro
Dezembro

EDITORES: Grupo Meendinho-Renovação
REDACÇOM: Jesus M. C. - Carlos G. - José M. Outeiro - André Outeiro- Beatriz Árias- Moncho de Fidalgo.
COORDENAÇOM: José M. Aldea
COLABORADORES: Konstantino Graphia
ENCOMENDAS: Júlio Aser Rodrigues. Marcos Ferradás
CORRESPONDÊNCIA: Apartado 678 . 32080 Ourense. Galiza

Depósito Legal OUR-167/95